

ATAFONA: REGISTROS DE UM MUNDO EM RUÍNAS¹

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2023.196896

ORCID
<https://orcid.org/0000-0003-4876-3931>

CARLOS ABRAÃO MOURA VALPASSOS

Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil, 28010-385 – posantropologiauff@gmail.com

JULIANA BLASI CUNHA

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-8820-8230>

Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil, 28013-602 – uenf@uenf.br

RESUMO

Atafona é uma praia situada no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. É ali que deságua o rio Paraíba do Sul, depois de percorrer centenas de quilômetros e cruzar três estados federativos. Ao longo do século XX, Atafona constituiu-se como balneário de uma elite regional, que ali ergueu suas casas de veraneio e viveu o lugar, por mais de quatro gerações, como um ambiente de lazer, encontros, festas e sociabilidades diversas. Na segunda metade do século XX, observou-se o início do avanço das águas do mar em direção à área construída de Atafona. O mar avançou e começou a “engolir” as casas, as ruas e as quadras do local. A paisagem transformou-se paulatinamente em uma exposição de ruínas. Este ensaio apresenta imagens das ruínas de Atafona, captadas em momentos distintos do século XXI, para contar um pouco da história do lugar e das transformações da paisagem.

PALAVRAS-CHAVE

Atafona; Antropoceno;
Ruínas; Memória social; Erosão.

ABSTRACT

Atafona is a beach located in Northern Rio de Janeiro, Brazil, to which the Paraíba do Sul River flows after traveling hundreds of kilometers and crossing three federal states. Over the 20th century, Atafona was a

1. Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ) por meio do Edital nº27/2021 Auxílio Básico à Pesquisa (APQ1) e do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

KEYWORDS
Atafona;
Anthropocene;
Ruins; Social
memory; Erosion.

seaside resort for a regional elite, who built their summer houses there and lived the place, for more than four generations, as an environment for leisure, meetings, parties and other social gatherings. In the second half of the 20th century, the sea water began to advance towards the built-up area of Atafona, “swallowing” its houses, streets and blocks. The landscape was gradually transformed into an exhibition of ruins. This essay presents images of the Atafona ruins, taken at different moments of the 21st century, to tell a little of its history and landscape transformations.



FIGURA 1: Outubro de 2005. Fonte: Carlos Abraão Moura Valpassos.

INTRODUÇÃO

No município de São João da Barra, no norte do estado do Rio de Janeiro, está situada a praia de Atafona. Atualmente, Atafona é marcada pela presença de casas destruídas, ou em processo de destruição, pelas águas do Oceano Atlântico. Quem caminha pela praia é obrigado a desviar de vergalhões, troncos de árvores, azulejos, vigas, tijolos, canos, telhas, paredes ou quaisquer outros materiais que outrora tenham feito parte de casas que foram ou estão sendo “engolidas” pelo mar. Trata-se, pois, de uma paisagem instável: ela não é igual ao que era no último verão e certamente não permanecerá do mesmo modo até o verão seguinte.


É certo que a instabilidade é uma característica comum às mais diversas paisagens, mas o que chama atenção em Atafona é a velocidade e a escala em que são observadas as mudanças efetuadas pelo avanço do

mar sobre aquilo que outrora foram lugares conhecidos e reconhecidos pelas sociabilidades de lazer. Antigas construções, inicialmente situadas a centenas de metros ou mesmo quilômetros de distância do mar, foram ficando cada vez mais próximas das águas oceânicas, até que com elas se encontraram e nelas se desfizeram. Esse processo de encontro do mar com as edificações humanas é o que se destaca na praia de Atafona. Podemos pensar, acompanhando Anna Tsing (2019, 17), que “a paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado” e, assim, quando pensamos a praia de Atafona como uma paisagem arquivo de atividades, destacamos que o cenário atual é resultado de diversos processos de interação, ocorridos em outros tempos e mesmo em outras regiões, que resultaram em uma configuração presente, que difere de configurações do passado e que certamente será alterada em um futuro próximo.

Nesse sentido, nosso caminhante poderá presenciar um dia em que as águas se encontram afastadas das construções – e então notará que o mar recuou – ou observará um dia em que as águas atingem as construções. Seja como for, o(a) hipotético(a) observador(a) perceberá que está em uma paisagem em transformação. E o simples caminhar pela praia pode ser suficiente para suscitar questionamentos: desde quando o mar avança sobre as áreas construídas? Quem eram as pessoas que moravam naquelas casas?



FIGURA 2: 28 de fevereiro de 2015.
Fonte: Carlos Abraão Moura Valpassos.



Neste ensaio responderemos brevemente a essas questões. Para tanto, apresentaremos um pouco da história que estabeleceu a paisagem de ruínas da praia de Atafona, que será tratada como um local multifacetado, onde famílias da elite da cidade de Campos dos Goytacazes construíram suas casas de vilegiatura ao longo do século XX. Discutiremos, também, o encontro entre o Rio Paraíba do Sul e o Oceano Atlântico; e, por fim, falaremos das famílias que ali ergueram suas casas e sofrem com o processo gradual de avanço do mar.

As fotografias² aqui selecionadas foram realizadas em quatro momentos distintos (nos anos de 2004, 2005, 2006, 2009, 2015 e 2021) e não estão dispostas em ordem cronológica. Elas não retratam pessoas, mas, ao apresentar as construções em ruínas, destacam processos: os antigos usos das casas de veraneio, os efeitos das diferentes ações humanas sobre o Rio Paraíba do Sul e o avanço das águas do mar sobre as construções de Atafona. Não são relações de causa e efeito, mas sim relações diversas que moldam a paisagem e relacionam pessoas, cidades, o Rio Paraíba do Sul e o mar. São imagens do Antropoceno, fotografias que fixam uma paisagem em transformação, registrando diferentes momentos de um fenômeno feral (Tsing 2019, 14).

AS CASAS DE VILEGIATURA, AS RUÍNAS, O RIO E O MAR

Os autores deste ensaio apresentam relações diferentes com Atafona, mas ambas remetem às suas infâncias. Carlos Abraão Moura Valpassos conheceu o balneário entre o fim da década de 1980 e o início dos anos 1990, levado até lá por seus pais. Não possuía casa em Atafona, mas em algumas ocasiões visitava o lugar com a família para fins de lazer, visitar algum amigo da família ou apresentar a praia a algum parente que visitava a região. Nessas ocasiões, andava na praia e observava as transformações da paisagem desde a última visita. Seu pai falava dos processos de assoreamento e captação de água que reduziam a vazão do Rio Paraíba e de como isso, associado à elevação do nível das águas oceânicas, contribuía para o avanço do mar sobre as casas de Atafona. Para ele, Atafona sempre foi uma experiência marcada pela paisagem e pelas tentativas de compreendê-la.

2. Disponível em: <https://bit.ly/3WMyoyU>.



FIGURA 3: 2004.
Fonte: Juliana Blasi
Cunha.

Juliana Blasi Cunha, por sua vez, tem uma experiência mais profunda com Atafona. Sua família frequenta o balneário desde a primeira metade do século XX e, em 1947, seu bisavô construiu a casa de vilegiatura que seria utilizada pela família em todos os verões até os dias de hoje. Enquanto o mar avança, cinco gerações da família tiveram suas férias vividas na casa de Atafona.

No ano de 2005, os autores eram estudantes de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), orientados pelo professor Marco Antonio da Silva Mello. Conheceram-se no nas reuniões do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro-I-FCS-UFRJ). Juliana Blasi tinha tomado as sociabilidades de vilegiatura de famílias tradicionais em Atafona como tema de uma pesquisa que resultaria, em 2007, em sua dissertação de mestrado – que seria transformada em livro em 2020. Da parte da autora, este artigo resulta ainda de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo Ibama.

Carlos Valpassos, naquela época, tinha seus interesses voltados para os pescadores da Lagoa Feia e para as políticas de saneamento que transformaram a topografia da região Norte Fluminense. Em virtude da proximidade dos campos etnográficos, ambos voltados para questões do litoral Norte Fluminense, estabeleceu-se entre os autores uma parceria de pesquisa, na época no LeMetro-UFRJ e, desde 2017, no Atelier de Etnografias e Narrativas Antropolíticas (Atena-UFF).

Foi no contexto desta parceria de pesquisa que foram capturadas as fotografias aqui apresentadas. São imagens que registram as transformações ocorridas na praia de Atafona, onde o mar, em movimentos de avanço e recuo, engole as casas em um processo lento de “deglutição” (Codeço 2021) que expõe vigas e vergalhões enquanto remete à reflexão sobre as casas, o Rio Paraíba do Sul, o mar e a história de Atafona.



FIGURA 4: 2006.
Fonte: Juliana Blasi Cunha.



FIGURA 5: Julho de 2021. Fonte: Carlos Abraão Moura Valpassos.

Podemos dizer que Atafona começou a ser frequentada por pessoas de Campos dos Goytacazes, com fins de lazer, ainda na primeira metade do século XX (Blasi Cunha 2020). Aos poucos, essas pessoas, que alugavam casas de pescadores, foram construindo ali suas próprias residências de vilegiatura. O movimento se intensificou na segunda metade do século XX, refletindo a ascensão econômica de profissionais liberais, de proprietários e de trabalhadores das usinas de cana-de-açúcar de Campos dos Goytacazes. Com isso, Atafona foi ganhando uma infraestrutura urbana, com ruas planejadas e com serviços essenciais, como o fornecimento de água encanada e de energia elétrica.

O livro de Juliana Blasi Cunha, *Atafona: sociabilidade e memória em um balneário no norte do Estado do Rio de Janeiro*, conta um pouco da história dessas famílias que elegeram Atafona como balneário e, ao longo de gerações, lá desfrutaram seus períodos de férias e lazer. Embora o livro não consiga se esquivar da discussão sobre o avanço do mar, este não é seu foco. A obra aborda, sobretudo, as histórias de sociabilidades dessas famílias em Atafona: das festas, dos almoços, das caranguejadas, dos bailes e dos demais eventos que marcaram a memória social dessas famílias da elite campista. Como escreveu a antropóloga:

Atafona é, frequentemente, percebida e tratada pela imprensa, Academia e novos visitantes como a cidade que está desaparecendo do mapa. Já para seus antigos veranistas, Atafona guarda o título de lugar único no mundo não por ser o palco desse fenômeno socioambiental, mas, principalmente, pelas inúmeras recordações dos fantásticos momentos ali vividos. Para o grupo de famílias abastadas de veranistas que a frequentaram por 3 ou 4 gerações, Atafona é o cenário de mágicas memórias que envolvem o convívio nos meses de férias em diferentes períodos dos cursos de suas vidas. (Blasi Cunha 2020, 15 e 16)

Quando falamos do avanço do mar e da destruição das casas, estamos abordando um tema difícil para as pessoas que viveram momentos importantes de suas vidas ali. Pois não são apenas casas que estão sendo ameaçadas ou despedaçadas pelo mar, são artefatos da memória familiar, palcos de eventos marcantes ou de períodos que foram cruciais para estabelecer vínculos afetivos entre pessoas e famílias. Cada parede que desaba na beira-mar é mais um pedaço de histórias familiares que perdem os amparos materiais onde antes poderiam fixar-se.



FIGURA 6: 2006.
Fonte: Juliana Blasi
Cunha.



FIGURA 7: 05 de
março de 2009.
Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.

FIGURA 8: 05 de março de 2009.
Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.



A praia, em Atafona, tal como todas as outras, é um espaço liminar (Turner 2005): situa-se entre o oceano e o continente, é o ponto de encontro entre a água e a terra. A liminaridade de Atafona, no entanto, vai além. Ela vincula o passado, o presente e o futuro, estabelece um laço entre o que foi, o que é e o que será. E quando tocadas ou imediatamente ameaçadas pelo mar, essas casas transformam-se em ruínas, o que acentua a liminaridade da paisagem.

As ruínas são caracterizadas, de acordo com Simmel, pela oposição entre a materialidade erguida pelo espírito humano e as forças da natureza. Segundo o autor (1911/1998, 137), “o que constitui a sedução da ruína é que nela uma obra humana é afinal percebida como um produto da natureza”. É na oposição entre o espírito humano e a natureza que as ruínas ganham sua aura trágica, pois materializam uma espécie de movimento da natureza contra o humano.

O fato de a violação da obra da vontade humana, mediante o poder da natureza, poder ter um efeito estético tem como pré-requisito a condição de o direito da mera natureza nunca ter sido completamente extinto nesta obra, apesar de ela ter sido formada pelo espírito. Com respeito à sua matéria, à sua realidade, ela sempre permaneceu natureza, e se esta volta agora a predominar, ela executa com isso apenas um direito que até então estivera em desuso, mas ao qual ela

nunca renunciou. Por isso a ruína tem tão amíúde um efeito trágico – mas não triste. Isso porque a destruição não é algo sem sentido vindo de fora, mas a realização de uma direção colocada no mais profundo estrato de existência do destruído. (Simmel 1911/1998, 140)

FIGURA 9:

Fevereiro de 2015.

Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.



Na polaridade entre o espírito humano, representado pelas casas, e a natureza, representada pelo mar, encontramos mais um aspecto liminar da praia de Atafona. Todavia, a oposição enfatizada por Simmel entre o espírito humano e a natureza pode fazer pensar que a ruína é resultado de uma disputa entre os dois agentes e que, ao despedaçar o fruto do engenho humano, esse ente natureza efetua sua vingança. Desse modo, Simmel parece atribuir uma certa intencionalidade humana – quiçá tipicamente humana – a seres não humanos.

Entendemos, a partir de análise bibliográfica e de formulações nativas e acadêmicas, que há diferentes fatores envolvidos no processo de avanço do mar sobre o balneário de Atafona. Como observam Ribeiro et al (2004, 130):

A complexidade na análise do fenômeno erosivo tem fundamento nas forçantes oceanográficas, fluviais e meteorológicas que lá na costa norte-fluminense atuam. A inexistência de séries históricas de dados físico-ambientais contínuos e precisos prejudica uma análise científica mais segura e criteriosa desse evento que possui origem geológica [...].

Os fatores que estão causando a erosão ainda estão sendo discutidos pela comunidade científica, sendo mais importantes os seguintes: regime de ventos e de ondas; contenção de sedimentos nos barramentos ao longo do rio Paraíba do Sul; regularização da vazão do rio e sua descarga no Oceano Atlântico; crescente assoreamento do rio em seu baixo curso.

Desse modo, embora o processo erosivo seja influenciado por diferentes fatores, as ações antrópicas ao longo do curso do rio Paraíba do Sul parecem desempenhar um papel de destaque na aceleração do fenômeno. Na medida em que o rio é assoreado, em que suas encostas são degradadas e que suas águas são desviadas para o abastecimento das maiores metrópoles brasileiras (no Rio de Janeiro, por meio da transposição do rio Guandu, e em São Paulo por meio do Sistema Cantareira), sua vazão é reduzida, influenciando no processo de avanço das águas oceânicas. Diferentes intervenções realizadas por distintos atores ao longo dos mais de mil quilômetros do curso do rio Paraíba do Sul afetam a vazão no delta e influenciam no processo de erosão que caracteriza Atafona como uma paisagem do Antropoceno.



FIGURA 10:
2006. Fonte:
Juliana Blasi
Cunha.




FIGURA 11:
Fevereiro
de 2015.
Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.

ATAFONA: UMA EXPRESSÃO LOCAL DO ANTROPOCENO



FIGURA 12:
Julho de 2021.
Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.

A crise climática é um dos grandes desafios da contemporaneidade – talvez o maior. O problema apresenta-se como uma questão global, perpassando



o derretimento de glaciais, as enchentes na Índia ou na Europa, as estiagens em diferentes regiões do continente Africano ou na América do Sul, nevascas fora de época em países do hemisfério norte e tantas outras manifestações “atípicas” que denotam transformações no clima.

Tal percepção não passou despercebida por acadêmicos e, desse modo, pesquisadores das mais diferentes áreas têm intensificado, nas últimas duas décadas, seu interesse pelas transformações climáticas e seus impactos sobre a vida na Terra. E isso não gerou apenas uma transformação no foco dos pesquisadores e pesquisadoras, mas também ocasionou transformações teóricas e metodológicas nas próprias disciplinas acadêmicas.

O termo “Antropoceno” (Steffen, Crutzen e McNeill 2007) ganhou ampla repercussão nas duas primeiras décadas do século XXI, na medida em que buscou definir uma nova era geológica, na qual a presença dos humanos passa a ter impacto de escala global, com consequências sobre a vida na e da Terra.

A ideia da Terra como um sistema vivo passou a ser um aspecto crucial para pensar a crise climática e suas relações com os impactos das ações humanas. James E. Lovelock (1979/1987, 11) contribuiu para essa percepção quando descreveu Gaia como “uma entidade complexa envolvendo a biosfera, a atmosfera, oceanos e o solo da Terra”. Nesse sentido, a percepção de um planeta caracterizado pelas relações entre diversos agentes, humanos e não humanos, bem como agentes vivos e não vivos, estabelece as bases para que seja considerado o impacto das atividades humanas sobre o planeta. O Antropoceno, nesse contexto reflexivo, surge como uma forma de destacar e reconhecer que as atividades humanas interferem diretamente nesse sistema vivo que é o planeta Terra.

A escala global a que se refere o Antropoceno, no entanto, encobre diferenças e pode ter o condão de levar para o plano da abstração questões que já constituem desafios da experiência cotidiana. Tal compreensão levou à crítica do conceito de Antropoceno, por entendê-lo como uma abordagem que trata todas as populações como corresponsáveis pelas alterações climáticas, como se todas as formações humanas tivessem contribuído de igual modo para o colapso ambiental. Surge assim a proposta do Capitaloceno, em que se destaca que um sistema econômico específico se constituiu por meio da representação da “natureza” como um recurso a ser explorado de modo sistemático. O capitalismo, todavia, não teria sido igualmente impulsionado por todos os povos; e nem todos os povos sofreriam de modo equânime as consequências do desenvolvimento das atividades capitalistas sobre o planeta.

Constata-se, desse modo, que há um sistema econômico que atua em escala global, composto de consequências promovidas e distribuídas de modo desigual entre as diferentes populações do planeta. A lógica de sustentação desse modelo econômico chamado capitalismo estabelece a natureza como um recurso a ser explorado de modo a promover um crescimento acelerado (Eriksen 2018).

Assim, as críticas ao Antropoceno, pensado como conceito, têm destacado a heterogeneidade das diferentes contribuições humanas sobre as alterações climáticas e, ao mesmo tempo, a forma como tais alterações afetam de modo desigual diferentes partes do planeta. José Augusto Pádua (2022, 192) observa que:

Do ponto de vista da análise histórica do Antropoceno, porém, falar de uma grande transformação global não é suficiente. Apesar de ser possível reconhecer a relevância das análises globais, logo aparecem importantes problemas em relação 1) à abrangência social concreta dessas análises; 2) à validade das periodizações propostas para esses processos globais e 3) à participação de diferentes atores sociais – nos níveis local, regional, nacional e internacional – na constituição desses mesmos processos. Tais problemas dão origem à necessidade premente de localizar a história do Antropoceno. Na perspectiva das ciências sociais, não é suficiente trabalhar com os grandes números e com os dados globais. A principal contribuição dessas ciências, de fato, poderá ser a de tornar visíveis os dinamismos políticos, sociais, ecológicos e territoriais que existem por trás dos grandes números, incluindo os conflitos, sofrimentos e resistências que aparecem nas diferentes sociedades e grupos de cada sociedade.

Desse modo, a Antropologia pode nos auxiliar a pensar os problemas climáticos do presente, pois, em uma história disciplinar marcada pela preocupação com a heterogeneidade e a complexidade das formações sociais, antropólogas e antropólogos, em suas pesquisas de campo, podem destacar como diferentes populações lidam com os impactos que sofrem a partir da crise climática. A contribuição da disciplina, nesse sentido, ajuda a desfazer o caráter abstrato do Antropoceno, uma vez que o situa em efeitos localizados. Acompanhamos, destarte, a percepção de Eriksen e Mendes (2022, 10) quando argumentam que:


Tal como outros antropólogos que contribuem para esse campo, reconhecemos a dimensão global da mudança climática, mas também queremos mostrar de que modos a

mudança climática é sempre local e tem sido compreendida como tal, ecológica, social, política e culturalmente.

Dessa forma, quando tratamos do avanço do mar na praia de Atafona, acreditamos que estamos destacando uma expressão localizada das alterações climáticas. A erosão da costa litorânea, com suas ruas e casas paulatinamente “engolidas” pelo mar, representa um fenômeno feral que reconstitui a história das atividades humanas. Podemos pensar que diversas atividades humanas promoveram o fenômeno observado atualmente, algumas delas afastadas, como aquelas realizadas em diferentes partes do planeta e que ocasionaram o aumento dos níveis oceânicos, mas também outras, realizadas na região sudeste do Brasil – como a expansão metropolitana e seus impactos sobre o Rio Paraíba do Sul. O que queremos destacar, desse modo, é que a erosão observada em Atafona é um entrelaçamento de diferentes atividades que promoveram alterações ambientais ao longo do tempo.



FIGURA 13: Março de 2009. Fonte: Carlos Abraão Moura Valpassos.



Atafona foi a praia escolhida como balneário pela elite de Campos dos Goytacazes, onde o processo de construção das casas de veraneio começou na primeira metade do século XX. A transformação de Atafona em balneário foi impulsionada pelas riquezas obtidas por meio da exploração da cana-de-açúcar no Norte Fluminense. O sistema de plantation, nesse caso fundamentado na monocultura canavieira e, ao longo de séculos, sustentado pela exploração do trabalho de pessoas escravizadas, desempenhou papel crucial na transformação nos biomas do Norte Fluminense. Ao longo, sobretudo, da segunda metade do século XX, as obras de engenharia sanitária alteraram de modo sistemático a dinâmica de rios e lagoas da região por meio da construção de canais, da drenagem de lagos e córregos e da retificação de rios (Valpassos 2021). Percebemos, assim, que as intervenções humanas no Norte Fluminense apresentam profundidade temporal e estão envolvidas na lógica de um processo econômico de ação sobre o ambiente.

É interessante observar que os períodos de maior suntuosidade nas construções e atividades de lazer de Atafona refletem o apogeu da economia sucroalcooleira. Ao mesmo tempo, a decadência dessa economia coincide justamente com o avanço do mar e a destruição das casas de vilegiatura. Desse modo, Atafona pode ser pensada como uma metáfora para a região e sua economia. Ainda, Atafona nos oferece mais do que isso para pensar.

O processo de erosão que constitui a paisagem em ruínas da praia de Atafona possui os contornos de uma questão que se torna mais evidente a cada dia: a crise climática. A paisagem da praia é composta por uma rede complexa de eventos, onde a ação humana em diferentes trechos do rio Paraíba do Sul parece acelerar um processo que, em outros lugares, tem se dado em um ritmo mais lento. Nesse sentido, Atafona se constitui como uma paisagem do Antropoceno e possibilita observar os efeitos da elevação dos oceanos em uma escala reduzida, antes que ela se manifeste na mesma intensidade em escalas de maior magnitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço do mar em Atafona elaborou um cenário de destruição. Casas de pescadores e de veranistas foram engolidas pelas águas. Algumas dessas famílias mais pobres chegaram a perder mais de uma casa ao longo do processo e ainda hoje correm o risco de perder a casa em que moram atualmente – com a perspectiva de que a ocupação de mais uma casa na praia também terá um caráter transitório, em virtude do avanço contínuo do mar. A situação dessas famílias – que migram de casa em casa, deixando as que vão sendo engolidas pelo mar e ocupando aquelas que são abandonadas por estarem ameaçadas pelas águas – apresenta

um aspecto de resiliência das pessoas que, por necessidade ou vontade (ou ambos), insistem e persistem em Atafona. São pessoas que vivem e convivem com o processo erosivo, adaptando suas vidas e moradias aos efeitos localmente experimentados da crise climática. Nesse ínterim, estamos diante de um fenômeno social de adaptação e resiliência. Donna Haraway (2016, 140) observa que:

Anna Tsing argumenta que o Holoceno foi um longo período em que os refúgios, os locais de refúgio, ainda existiam, e eram até mesmo abundantes, sustentando a reformulação da rica diversidade cultural e biológica. Talvez a indignação merecedora de um nome como Antropoceno seja a da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres. Eu, juntamente com outras pessoas, penso que o Antropoceno é mais um evento-limite do que uma época [...]. O Antropoceno marca descontinuidades graves; o que vem depois não será como o que veio antes. Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir refúgios.

Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não humanos, e sem refúgio.

O avanço do mar impõe a essas famílias uma adaptação a um problema que não pode ser localmente enfrentado – nem alterado. Cabe-lhes, desse modo, a busca por táticas de permanência. As famílias da elite econômica, por sua vez, embora afetadas pelo mesmo fenômeno e no mesmo local, não perderam sua residência principal (situada na maioria dos casos em outras cidades), mas sentem a dor da perda de casas que se constituíram como lugares de afeto, importantes cenários de suas memórias. Nesse sentido, podemos perceber que, embora não da mesma forma, a tragédia ambiental tem um aspecto totalizante, uma vez que é capaz de atingir os mais diferentes extratos sociais.

Ao observar Atafona atualmente, podemos vislumbrar uma possibilidade trágica do que será o futuro de inúmeras cidades litorâneas. O avanço das águas pode ser pensado como promotor da perda de casas e, com elas, para além dos problemas habitacionais práticos, da perda dos lugares de memória, dos espaços topofílicos. Nesse sentido, com a proposta de pensar Atafona como uma paisagem do Antropoceno, encerramos este ensaio com um trecho de entrevista realizada por Juliana Blasi Cunha (2020, 128-129) com Nídia Lyzandro Albernaz, pertencente a uma das mais destacadas famílias da elite campista, que teve sua casa, uma das mais

imponentes do balneário, engolida pelo mar: “você olha para trás e não consegue imaginar que raízes suas, plantadas tão profundas, tenham se soltado da terra para ir não sei para onde”.




FIGURA 14:
2006. Fonte:
Juliana Blasi
Cunha.



FIGURA 15:
Julho de 2021.
Fonte: Carlos
Abraão Moura
Valpassos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Blasi Cunha, Juliana. 2020. *Atafona: sociabilidade e memória em um balneário no Norte do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autografia.
- Codeço, Fernando. 2021. Ecofagia: erosão como arte ambiental canibal. *Revista Das Questões*, vol. 11, no. 1: 247-265.
- Eriksen, Thomas Hylland. 2018. *Boomtown: runaway globalisation on the Queensland Coast*. London: Pluto.
- Eriksen, Thomas Hylland e Paulo Mendes. 2022. Introduction: scaling down in order to cool down. In *Cooling Down – Local responses to global change*, org. Susanna Hoffman, Thomas Hylland Eriksen e Paulo Mendes, 01-24. New York: Berghahn Books.
- Haraway, Donna. 2016. Antropoceno, capitaloceno, plantationceno, chtuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica: pesquisa, jornalismo e arte*, no. 5: 139-146.
- Lovelock, James. 1979/1987. *Gaia: a new look at life on earth*. Oxford: Oxford University Press.
- Pádua, José Augusto. 2022. Localizando a história do antropoceno: o caso do Brasil. In *Os mil nomes de gaia: do Antropoceno à idade da Terra*, org. Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Rafael Saldanha, 187-217. Rio de Janeiro: Machado Editora.
- Ribeiro, Gilberto Pessanha. et al. 2004. Análise espaço-temporal no suporte à avaliação do processo de erosão costeira em Atafona, São João da Barra (RJ). *Revista Brasileira de Cartografia*, no. 56/02: 129-238.
- Simmel, George. 1911/1998. A ruína. In *Simmel e a modernidade*, Jessé Souza e Berthold Öelze. Brasília: UnB.
- Steffen, Will, Paul Crutzen e John McNeill. 2007. The Anthropocene: are humans now overwhelming the great forces of nature? *Ambio*, vol. 36, no. 8: 614-621.
- Tsing, Anna Lowenhaupt. 2019. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB, Mil Folhas.
- Turner, Victor. 2005. Betwixt and between: o período liminar nos "ritos de passagem". In *Floresta de Símbolos*, Victor Turner, 137-158. Niterói: Eduff.
- Valpassos, Carlos Abraão Moura. 2021. *As insurreições dos pescadores da lagoa feia – ambiente, conflito e memória social no Norte do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Autografia.



Carlos Abraão Moura Valpassos, doutor em Ciências Humanas, com ênfase em Antropologia Cultural, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2011), e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2006). cursou o bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro (UENF). Atualmente é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da UENF. Coordena o Atelier de Etnografias e Narrativas Antropolíticas (Atena) e é pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). cvalpassos@id.uff.br

Juliana Blasi Cunha, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP, 2014) e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2007). cursou a Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro (UENF), coordena o Atelier de Etnografias e Narrativas Antropolíticas (Atena), integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Urbanas e Regionais (Gepur/UENF) e o Núcleo Norte Fluminense do Observatório das Metrópoles (IPPUR/UFRJ). É também pesquisadora do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC). jblasicunha@gmail.com

Contribuição de autoria. Carlos Abraão Moura Valpassos e Juliana Blasi Cunha: concepção, coleta e análise de dados, discussão dos resultados, elaboração e redação do manuscrito.

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 24/04/2022
Reapresentando em: 05/12/2022
Aprovado em: 06/12/2022